

1. INTRODUÇÃO

Permitam-me algumas breves considerações preliminares. Estudar Søren Aabye Kierkegaard (1813-1855) constitui a uma só vez tanto um grande desafio quanto uma imensa desvantagem. Tomar a cargo a tarefa de retransmitir o seu pensamento, dá-lo a conhecer a um novo público, tudo isso esbarra no caráter fundamentalmente dialético da sua obra e, ao esbarrarmos, deparamo-nos com todo o seu vigor e a sua vivacidade poética. O seu caráter dialético-poético conduz o leitor – e sobretudo o pesquisador – a não poucos obstáculos. Se o leitor menos sistemático corre o risco de se perder dentro do multiforme universo kierkegaardiano, o seu estudioso seguramente encontrará dificuldades em acompanhar e reproduzir com suficiente competência a sua sedutora prosódia.

Kierkegaard pensa e escreve com paixão e diante dele é impossível permanecer indiferente. Lê-lo por prazer se transformará num esforço peripatético para o leitor que iniciou as suas leituras por curiosidade e sem compromisso, mas que agora, arrebatado pelas suas palavras e a fim de não se perder no meio do caminho, já não poderá parar. Assim como, por outro lado, o pesquisador também encontrará prazer durante o tremendo esforço que faz para ir tecendo, pouco a pouco e pacientemente, o seu próprio fio de Ariadne ao longo do pensamento e obra kierkegaardianos. Felizmente os perigos também reservam as suas recompensas.

Ocorre uma combinação muito singular no que concerne ao trabalho específico do pesquisador. Ao mesmo tempo em que tentamos apresentar Kierkegaard para o público, compartilhando dessa maneira toda a paixão que nos move a lê-lo, sentimos que algo se perde. Ao tentarmos analisar e – fatalmente – esquematizar o seu pensamento vamos como que nos afastando em lugar de nos aproximarmos de Kierkegaard, e assim toda a paixão que só existe no contato direto entre o leitor e a obra fica comprometida. O leitor é, a despeito de todos os esforços, apresentado a um Kierkegaard menos envolvente, menos apaixonante. E ora, para Kierkegaard a paixão é justamente o princípio da transformação da existência. Somente a partir de um *pathos* existencial é que a existência se

compromete consigo mesma e somente então o indivíduo pode chegar à verdade acerca de si próprio.

No que diz respeito à sua filosofia, a reflexão deve sujeitar-se à existência concreta dos indivíduos. A verdade só pode lançar os seus apelos àquele que se deixa afetar e que, concomitantemente, se dispõe a ir ao seu encontro. Sem paixão não há nem o movimento de se deixar tocar nem o de se comprometer a ir. Mas para aquele que se entrega com paixão ao chamado que lhe é próprio, a sua existência passa a ser o obrar de uma verdade que se desenrola no curso da existência, nas situações históricas concretas, no compromisso das escolhas e na coexistência com os outros indivíduos. Uma existência impassível, contemplativa, alcançará muitas coisas e poderá gabar-se de tantas outras, menos de ter sido verdadeira. Ouvir o que Kierkegaard tem a nos dizer é fundamentalmente confrontar-se com o desafio de encontrar um meio de conciliar consciência e vida, isto é, viver conforme a verdade que se julga ter descoberto.

Assim, caro leitor, se este trabalho, não logrando emocionar o seu coração, conseguir ao menos ser objeto da sua atenção complacente, levando-o a se interessar pelas questões aqui propostas, já me terei dado por satisfeito e certamente este será o maior mérito que poderei alcançar com ele. Mas se porventura e desafortunadamente, meu caro leitor, este trabalho obtiver justamente o efeito contrário, tornando antipático e insosso aquilo que de nenhuma forma o é, desencorajando-o a seguir adiante e a tomar Kierkegaard por suas próprias mãos, e ainda assim você tiver paciência para ouvir um último conselho meu – e eu crédito para oferecê-lo –, dir-lhe-ia: leia Kierkegaard!... e se apaixone.

No que concerne à proposta específica deste trabalho, tentaremos mostrar ao longo dos capítulos a relação que se estabelece entre a constituição própria do indivíduo e a sua relação com o outro. É importante que iniciemos a nossa investigação em busca de alguns fundamentos conceituais relativos à filosofia de Kierkegaard para somente então, seguros e com os pés no chão, tocarmos as questões mais vaporosas, mais delicadas. E falar do outro é sempre um assunto delicado: ainda mais quando a questão é a de saber como falar *ao* outro. Assim, o movimento será desde o indivíduo até a alteridade.

No capítulo 2, falaremos sobre a *existência*. Veremos que Kierkegaard reúne as características principais que dizem respeito à maneira como o indivíduo se

relaciona com a própria existência em três abrangentes modos existenciais, os quais ele chama de estádios (*Stadier*). São três os estádios: o estético, o ético e o religioso. Cada estádio testemunhará a evolução do indivíduo em direção a si próprio (ou, se se descuidar, a sua queda). Em cada uma dessas esferas da existência, o indivíduo será confrontado com situações que desafiarão a sua liberdade, incitando-o a se decidir entre continuar onde está ou seguir adiante. Através desses três estádios o indivíduo traçará o seu percurso existencial.

No capítulo 3, trataremos do conceito kierkegaardiano de *desespero*. Veremos que o desespero é um fenômeno universal e que está presente em cada indivíduo, posto que é inerente à sua constituição. No entanto, aprenderemos que a sua existência não representa necessariamente um mal e que ele pode vir a ser superado (desde que devidamente reconhecido e tratado). A superação do desespero só pode ser realizada pela fé.

No capítulo 4, veremos o que Kierkegaard tem a dizer sobre a *fé*. Para tanto, analisaremos (ainda que incompletamente) o livro *Temor e Tremor*, em cujas páginas encontramos narrada a história de Abraão, o pai da fé. Descobriremos que papel ela desempenha na história de Abraão e, de modo geral, como a fé se relaciona com a verdade e como se encarrega da transformação radical da existência do indivíduo. Importantes questões éticas serão levantadas a partir da leitura deste capítulo.

No capítulo 5, abordaremos o *amor*. Este capítulo ocupa um lugar estratégico neste trabalho. Ao mesmo tempo em que tenta responder aquelas questões éticas suscitadas pelo capítulo anterior, indica uma mudança de rumo no curso da presente pesquisa. Ou melhor, indica uma continuidade de trajetória, mas aponta justamente para aquela parte do caminho que se esconde após a curva. Se antes estávamos debruçados sobre a constituição do indivíduo, retidos na sua singularidade, agora começamos a descobrir não um outro eu, mas um autêntico tu. A alteridade se revela, por assim dizer, bem diante dos nossos olhos. E toda essa revolução é causada justamente pelo amor. Porém não vá pensar o leitor que o caminho que leva ao outro será florido e romântico, pois que em *As Obras do Amor*, livro de Kierkegaard a partir do qual trataremos este tema, a expressão máxima do amor está expressa naquele velho mandamento: ama o próximo como a ti mesmo e a Deus sobre todas as coisas. Trataremos, portanto, do amor tipicamente cristão.

Finalmente, no capítulo 6, tentaremos responder a questão que nos serve de título e que inaugura todo o trabalho: É a existência comunicável? Agora que o outro já nos foi devidamente apresentado, falaremos da *comunicação*. Veremos como Kierkegaard se relaciona com a comunicação e que função reserva a ela. Conheceremos um pouco mais de perto a atividade de Kierkegaard como autor, na medida em que nada melhor do que acompanhar a sua prática para entender a sua ideia. A sua autoria nos oferece um exemplo claro e substancial do que Kierkegaard realmente entendia por comunicação. Veremos também como o autor distingue aquilo que ele chama de comunicação indireta de uma outra, a direta. Esmiuçando o mecanismo da comunicação indireta, encontraremos ainda as peças responsáveis pelo seu correto funcionamento: a ironia e o humor.

Cobrando o nosso último fôlego, agora sim já com todas as partes que compõem a questão inicial apresentadas e postas lado a lado para averiguação, ponderaremos sobre o percurso que nos trouxe até aqui e sobre aquilo que nos parece ser a alternativa mais interessante sobre a comunicabilidade da existência, ou melhor, sobre como relacionar dois indivíduos, um eu e um tu. Esta será a *conclusão*.